



O padeiro polonês¹

Halina Grynberg*

Rio de Janeiro, Brasil

Uma cesta de pães de argila modelada por mão de artista repousa sobre o móvel perto da porta. O olhar descansa sobre esta e outras preciosidades feitas com o barro da memória, entre entradas e partidas de casa. É fora do tempo. Como o casal de amantes bailando, torneados em finos tons entre o ocre e o azul, e para sempre enlaçados, um só corpo no encontro de caras metades. E a acrobata de ponta cabeça, o corpete é azul pavão, pés agitam uma bola multicolorida de criança e o provisório das coisas é convite à harmonia. Do pó da terra Deus modelou Adão soprando em suas narinas, alento de vida. Torneado e cozido, o barro é matéria de origem. Para mim, é matriz de saudade. Traz meu pai de volta.

Chalá é o que ele fazia de melhor: o pão trançado em massa leve de vaga doçura e uma pitada de sal, coroados de sementes de papoula. O fogão ordinário de segunda mão era herança do seu irmão mais velho, tal como a casa de vila em Madureira onde acamparíamos por alguns anos. Subjugado à solidão e devastado pelo câncer, tio Luis temera pelo que se perderia. Pouca coisa, bastante apenas para obedecer ao mandamento da transmissão, a vida a espriar-se para além da miséria de um judeu perdido nos trópicos. Faleceria três dias após nossa chegada ao Brasil, e além do fogão barato e da pequena casa de vila, confiou ao meu pai uma minguada clientela de vendedor ambulante. Meu pai não se fez de rogado, não dispensava donativos. E decretou-se outra criatura, agora um mascate, um *klienteltshik* como tantos outros emigrantes do leste europeu desbaratados na terra do sol. A vigília noturna de sonolento padeiro polonês, o ofício familiar que exerceria como clandestino nas noites de Paris, cambaleante diante da farinha amassada com água e fermento, dava lugar ao exercício da sedução – fácil para ele.

Sob sol implacável ofegaria por ruelas e becos nos arrabaldes em torno da vila na Estrada do Portela. Marcava seu trajeto com a precaução de quem desconhece língua e alfabeto e mal entende as poucas palavras que pronuncia. Debatia-se contra o medo de perder-se no árduo mundo novo. Sem afastar-se demais, revia anotações mentais, ali o cartaz com as letras vermelhas desiguais e desbotadas, a porta verde da pequena farmácia mais adiante, o bar empoeirando a esquina e ao fundo as grades magras e ferrugentas da escola pública do bairro. Consagrava-se por inteira à intrincada

¹ GRYNBERG, Halina. *O padeiro polonês*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015. p. 11-14. Disponível em: <https://cutt.ly/NEJ-GRYNBERG>. Acesso em: 30 abr. 2021.

* Psicanalista e escritora.



geografia suburbana do Rio de Janeiro, década de 1950. Uma grande mala repleta de quinquilharias pesando na mão, burro sem rabo e carroça, suando em bicas, tateava as velhas cartelas de papel amareladas pelo tempo e preenchidas pela letra desenhada em arabescos pelo irmão, aventurando conciliar o endereço certo com o nome próprio do freguês. Encontrava. Ressoando uma sequência de palmas por entre alaridos desconexos, algazarra de sons simulando a cadência melódica do português, alvoroçava a freguesia. Com o tom imperativo na voz e a veemência de um Moisés ensandecido pelo árido percurso do deserto, convocava o povo eleito e disperso, massa humana corrompida pelo bezerro de ouro que ele mesmo forjaria, longe da lei, fora das regras. Um favor de bater-lhes à porta parecia. Ou por acaso de nada valia a diáspora, amarga errância pelo velho mundo convalescente da Segunda Grande Guerra, inconsoláveis baldeações clandestinas por terra e mar, arrastando-nos da Polônia para Tel Aviv em Israel, depois Marselha e Paris na França, até a capital do Brasil? De nada teria servido o largo percurso em navio por águas mediterrâneas, a imigração fazendo o mundo parecer um deserto profanado, se não pudesse, agora, demonstrar aos outros como ganhar a vida - meu pai ruminava de si para consigo enquanto aguardava que respondessem a seu chamado. Tudo conhecia da natureza humana, mazelas, subterfúgios, a infâmia. Sabedoria, para além do bem e do mal, apenas para benefício próprio. Via-se perfeito como a *chalá* que modelava nas tardes de sexta-feira sobre a enrugada pedra mármore assentada em cavalete de madeira no quintal, alemão lado da porta da cozinha de nosso recente refúgio, a casa de vila na Estrada do Portela.

E o Sr. Isaac debulhava ressentimentos aguardando resposta aos seus chamados. Mas não teria dificuldade em colher o olhar assombrado desta gente a quem ofereceria o valor das coisas sem valor algum – tivessem os outros o trabalho de entendê-lo se por acaso atormentava palavras e sílabas em encontros consonantais destoantes – *tr*, *trrr...* *br*, *brr...* *nh*, *lh* que não eram os *scw*, *dzc*, *jz*, *przs* do polonês ou do ídiche em família. Nada inibia este colecionador de estratégias e desditas. Adularia os prováveis fregueses com mímicas eloquentes ostentando virtudes: posaria como vendedor correto e cumpridor da palavra, diligente a ponto de ninguém reclamar da qualidade dos produtos que oferecia, suas mercadorias simulavam primeira qualidade, o preço baixo em módicas parcelas mensais, tudo do bom e do melhor... E ia desembulhando as peças mal alojadas sobre o parapeito das varandas: toalhas e lençóis de cama bordados na Ilha da Madeira, cortes de casimira inglesa para ternos, linhos egípcios de 600 fios perfeitos em camisas masculinas ou vestidos de missa, percal levíssimo para a bata de pagãozinho do bebê, camisolas e pijamas, aqui e ali um pequeno relógio de pulso, a cruz de ouro para a primeira comunhão da menina, o belo leque espanhol para a vovó, seda chinesa da madrinha do casamento, uma profusão de promessas festivas desprendia-se daquela cornucópia, um universo auspicioso como a *chalá* que modelava nas horas que antecediam o *shabat*.



Assim eram as tardes de sexta feira, de olho na luz da primeira estrela do anoitecer, papai afundava as mãos como quem mergulha de corpo inteiro, na massa leve de vaga doçura com sua pitada de sal. Debruçado diante da pedra mármore, carcomida e vacilante sobre o cavalete de madeira junto à porta da cozinha, encarnava a ressurreição de quem tendo retornado do inferno são e salvo e não haveria mais de comer o pão que o diabo amassou. E se Deus fora generoso o bastante com o povo hebreu que adorara o bezerro de ouro para agraciá-lo com a segunda tábuas da lei, por que não mereceria ele uma segunda chance? Afinal era parte deste povo errante.

Recebido em: 23/02/2021.

Aprovado em: 23/03/2021.